

PROJETO CARINHO – TREINAMENTO FUNCIONAL NA FORMAÇÃO DE ACADEMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MATEUS DE PAULA BORGES¹; GUILHERME RODRIGEZ LUZ²; ALINE
BRANDÃO²; JENNIFER RODRIGUES SILVEIRA²; ALEXANDRE CARRICONDE
MARQUES³

¹Universidade Federal de Pelotas – mateusborges955@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – mr.luz82@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alinebrandao3@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jennifer.esef@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – amcarriconde@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, principalmente com o aumento de programas de pós-graduação no país percebe-se uma supervalorização da pesquisa científica e da produção acadêmica nas universidades públicas (ROSA e LETA, 2011; BRASIL, 2013). No entanto, a criação e manutenção de projetos de extensão tem sido deixados de lado, seja pela pouca valorização dessas atividades ou pela menor quantidade de recursos financeiros (BARRAGÁN e colaboradores, 2016).

A pesar dessa nova configuração do sistema acadêmico Brasileiro, o Projeto Carinho da ESEF-UFPEl há 21 anos oferece atividades de extensão para pessoas com diferentes tipos de deficiência, sendo a Síndrome de Down (SD) e o Autismo as mais atendidas atualmente. Durante o tempo que o projeto funciona já foram desenvolvidas atividades de dança (Projeto Down Dança), natação e recentemente treinamento funcional.

Acreditamos que a extensão seja um meio importante na formação acadêmica, proporcionando aos graduandos experiências e vivências práticas nas quais muitas vezes se adquirem só após a formação ou quanto muito nos estágios probatórios. No entanto, como profissionais de educação física trabalhamos com pessoas, vidas e corpos através da cultura corporal do movimento, sendo assim, quando melhor preparados para atuar no sistema educacional melhor é para a educação física brasileira.

Além disso, no âmbito educacional é crescente a preocupação com a inclusão e existe uma necessidade de formação adequada de professores para atuar junto aos alunos com deficiência na escola, fato este que é apontado pela literatura como um aspecto importante para efetivar a educação inclusiva (PRAIS e ROSA, 2017).

Em razão do exposto acima, o objetivo deste trabalho é apresentar a nossa visão como alunos de graduação em relação a experiência de atuação no projeto Carinho – Treinamento Funcional no atendimento a pessoas com Síndrome de Down na Universidade Federal de Pelotas/Escola Superior de Educação Física.

2. METODOLOGIA

O Projeto Carinho, desenvolvido na Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPEl), promove aulas de treinamento funcional, que são ministradas por alunos de graduação, mestrado e doutorado. As aulas são desenvolvidas duas vezes por semana, às segundas e sextas-feiras, no período da tarde. Participam crianças, adolescentes e adultos com diagnóstico de SD, aptas para realizar

exercícios físicos. Os alunos são divididos em três turmas, de acordo com a faixa etária, 7 a 10 anos de idade, de 11 a 17 anos e a acima de 18.

As aulas são desenvolvidas pelos alunos de graduação com supervisão do coordenador do projeto e um aluno de doutorado que atua diariamente junto com os graduandos. Os planos são feitos semanalmente e adequados as necessidades individuais de cada aluno, podendo também sofrer alteração sempre que necessário para melhor desenvolvimento da aula. Os planos contam com uma atividade inicial, dois circuitos principais de treinamento funcional e uma atividade coletiva de relaxamento.

O progresso dos alunos é avaliado através de questionários aplicados semestralmente aos pais e pareceres mensais de desenvolvimento físico preenchidos pelo coordenador do projeto juntamente com os monitores atuantes do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação nos encontros do Projeto Carinho nos permitiu adquirir e vivenciar experiências e saberes nas quais auxiliaram de forma positiva na nossa atuação profissional.

Com os planos de aulas desenvolvidos com jogos, brincadeiras e circuitos o aprendizado se deu de forma mútua, uma vez que nós, os alunos da graduação, tivemos a oportunidade de ministrar treinos que objetivavam à evolução e desenvolvimento motor, social, cognitivo e psicológico dos participantes do projeto.

No decorrer das aulas observamos inúmeras situações de superação de limites dos alunos, fato que aumentava a autoestima e proporcionava momentos de alegrias entre alunos e professores. Por vezes, víamos os alunos vibrarem junto conosco por conseguir executar uma tarefa simples, como saltar com os dois pés sobre um step, ou perder o medo de andar no banco de equilíbrio, assim como, conseguir colocar sozinho o próprio sapato.

Segundo relato dos pais percebemos que a evolução dos alunos não se dá só nas aulas, segundo eles a participação dos alunos no projeto foi de grande relevância uma vez que passaram a desempenhar atividades que antes não faziam e obtiveram pequenos avanços de independência.

Através do contato com os alunos, foram mudados conceitos sobre limitações, nos permitindo focar em suas potencialidades e também conhecer conceitos e características relacionados a SD.

Aprendemos também formas e metodologias para conduzir, orientar, ensinar e trabalhar de forma efetiva, fazendo com que as aulas tivessem o melhor rendimento possível para o aluno. Além disso, em alguns momentos tivemos que trabalhar com situações específicas como o respeito, comprometimento, comportamento e condutas adequadas para se ter no projeto e em casa.

Com isso, observamos que o projeto é importante para os alunos, não só para questão de atividade física e condicionamento físico, como também para melhora do

convívio social entre colegas, familiares e comunidade de forma a inserir as pessoas com SD no contexto social.

4. CONCLUSÕES

Percebe-se a necessidade do projeto na vida desses indivíduos, que apresentam-se mais ativos, participativos e conseqüentemente mais saudáveis.

Através desse estudo esperamos que a sociedade mude conceitos acerca das pessoas com SD, tornando ambientes que antes eram exclusivos em ambientes inclusivos para que assim os alunos possam mostrar e desenvolver suas potencialidades.

Tanto o projeto Carinho quanto o grupo de estudos teve uma grande importância na nossa qualificação como professores, onde podemos vivenciar diversas situações da profissão de ser professor, como também modificou nosso olhar em relação a deficiência e inclusão na escola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRAGÁN, T.O. RODRIGUES, G.S. SPOLAOR, G.C. BORTOLETO, M.A.C. O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 1988. Ministério da Educação. **Coordenação de Comunicação Social da Capes - Fundação Capes. Resultados da Avaliação da Capes revelam que pós-graduação teve crescimento de 23% no triênio.** 2013.

PRAIS, J.L.S.; ROSA, V.F. A Formação de professores para inclusão tratada na Revista Brasileira de Educação Especial: uma análise. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 57, jan./abr. 2017.

ROSA, S.; LETA, J. Tendências atuais da pesquisa brasileira em Educação Física Parte 2: a heterogeneidade epistemológica nos programas de pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p.7-18, jan./mar. 2011.